

CANTORES líricos protestam contra inércia da cidade: Campinas não agões os seus artistas. Correio Popular, Campinas, 15 out. 1981

NO MUNDO DOS LIVROS

L. G. Nova Edição

PARA NOSSA VOZ, QUEREMOS VEZ.



Os cantores líricos pedem mais campo para apresentar seu trabalho.

Campinas é a terra natal de Carlos Gomes. Mas o fato de ter sido berço de um dos mais consagrados compositores e musicistas de todos os tempos, não basta para colocá-lo entre os centros onde a arte floresce de modo a dignificar o seu passado e afirmar o seu presente como fonte divulgadora de eventos artísticos. Parar no tempo e no espaço não pode e nem deve ser o seu destino. Lamentavelmente, hoje uma cidade que ocupa a privilegiada situação de 13.º lugar entre as mais populosas urbes do país, com duas universidades, academias de cultura e de balé, conservatórios musicais, estabelecimentos de pesquisas científicas de renome internacional, Campinas tem sido madrastra para com os seus artistas, muitos dos quais — já se comprovou a assertiva — podem, com sucesso, apresentar-se em quaisquer salões dos mais sofisticados deste país e do estrangeiro, como aconteceu faz aproximadamente oito anos, quando um grupo de balé campineiro exibiu-se em Assunção (Teatro Municipal), com tamanho êxito que autoridades (prefeito) e povo guarani não regatearam aplausos aos jovens brasileiros que lá dançaram músicas do folclore indígena e motivos inspirados em Hekei Tavares, Dorival Caiati, Ari Barroso.

Por que, pois, a marginalização dos nossos intérpretes, como vem acontecendo de algum tempo para cá? Não apenas a música lírica, mas também as demais manifestações artísticas têm sido relegadas a planos secundários, como acintoso desafio aos foros de uma cidade respeitada exatamente por sido terra de mestres, eruditos e inspirados artistas, como porque é tida, havida e ratificada como centro cultural que se equaciona com os mais desenvolvidos do país, à altura de São Paulo, do Rio de Janeiro ou de Belo Horizonte.

Ultimamente — muitos dos que não apenas apreciam arte como sabem distingui-la, pois têm viajado por Oropa, França e Bahia, como por outras plagas onde a arte superior é cultivada com esmero — têm sentido o fato de que aqui, a convite de entidades culturais e do órgão competente da Prefeitura Municipal, têm-se apresentado artistas bons, mas também razoáveis e até mesmo de consistência duvidosa, além de quase nunca superiores ou iguais aos nossos modestos e competentes artistas colocados praticamente em disponibilidade.

Enquanto nossos intérpretes fazem jus a aplausos dos que conhecem e se condicionam à sensibilidade de ouvir e apreciar, a cidade é obrigada a receber pseudos artistas, iniciantes ou às vezes mercedores, só porque manobras de bastidores ou de interesses desconhecidos douram a pilula e promovem a sua vinda até nós. E por se saber que Campinas conta com elementos de indiscutível expressão, nossa imprensa já se manifestou mais de uma vez, reclamando desse triste desinteresse pelo artista prata da casa.

EXEMPLO

Recentemente, num encontro de jornalistas realizado em Poços de Caldas, a convite da Prefeitura local, através de sua secretaria de cultura e turismo, diversos artistas campineiros apresentaram-se com renovado sucesso na aludida estância, diante de uma assistência culta e de bom gosto, em cujo recinto havia críticos de arte e jornalistas de várias procedências do país. O resultado foi de tal maneira confortante que cidades como Patos de Minas, Juiz de Fora, Uberlândia, Pouso Alegre, Andradadas, Ouro Fino e Machado, de Minas Gerais, propuseram a apresentação do mesmo grupo em suas entidades. Aliás, alguns dos que se exibiram em Poços de Caldas, assim como outros, já efetivaram, com êxito, excursões a centros progressistas do Estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas e Paraná. E não se diga que em Poços de Caldas não há quem entenda de arte. Estância de 120.000 habitantes, centro desenvolvido e cujos habitantes conhecem não apenas o Brasil como os Estados Unidos e a Europa, etc. Poços tem gabarito suficiente para saber o que é bom, razoável ou simplesmente sofrível.

MÚSICA LÍRICA

Segundo estamos informados, faz doze anos que a música lírica tenta sobreviver em Campinas, porém sem que possa encontrar ambiência ao seu florescimento. Não por falta de elementos, mas de uma política cultural estável, dinâmica e sobretudo consciente da importância de sua própria terra. A Secretaria de Cultura da Municipalidade campineira está no dever de imprimir novo ritmo às suas atividades, tendo ciência de que não só de pão vive o homem, como é imperioso assegurar, em cometimentos dentro e fora da cidade, a participação de nossos valores artísticos. Pois a eles lhes cabe ratificar a afirmação de que Campinas, como no slogan do passado, ainda é a capital artística do Brasil.

Com a insistente presença da imprensa no assunto, os artistas se sentem no direito e saem à praça para dizer a verdade, desde que lhes macula o que vem acontecendo em Campinas. Com a demolição do Teatro Municipal nos anos 60, a cidade não pôde dispor de um palco que possibilitasse o desenvolvimento de sua arte lírica. Isto só foi possível mais tarde, ocasião em que se construiu o novo teatro, decorrente da demolição do antigo cinema Casablanca na Vila Industrial e a que foi dado com justiça o nome de "Teatro José de Castro Mendes" em memória ao ex-artista plástico campineiro, bastante conhecido e admirado na cidade. Em 1970, mercê dessa providência e comemorando o centenário da primeira apresentação e estréia da ópera "Il Guarany" de Antônio de Carlos Gomes, acontecidas no "Scalla" de Milão, Itália, foi a mesma apresentada ao público pela Orquestra Sinfônica Municipal, sob regência do maestro Oreste Sinatra, tendo como elenco cantores de Campinas e alguns da capital. Na ocasião, o maestro Oreste Sinatra, bem impressionado com as condições dos artistas líricos campineiros, propôs fosse criado o Centro Experimental de Ópera. O não florescimento dessa idéia proveitosa deu-se, como se pôde constatar, pela desunião dos interessados, no caso os próprios artistas que, também sem qualquer apoio, foram obrigados a abandoná-la. Ainda assim e não mostrando ceticismo ou desânimo, alguns artistas sonharam o prosseguimento do projeto, montando "La Bohème" de Puccini que, entretanto, não passou de alguns ensaios pálidos e, por isso, extinguiu-se melancolicamente. Em 1972, o maestro Diogo Pacheco e o diretor teatral Fausto Fuser, ambos do Teatro Municipal de São Paulo, resolveram apresentar em Campinas uma "La Traviata", de Giuseppe Verdi. Conseguem o apoio oficial da nossa municipalidade, por sua secretaria de cultura, a cuja frente, na oportunidade, achava-se o sr. Alexandre dos Santos Ribeiro. O projeto vingou e a ópera é levada à cena com

casa cheia, em três sucessivas apresentações. O maestro Diogo Pacheco também aspira iniciar em Campinas um movimento operístico duradouro, porém não consegue qualquer interesse do poder público que, como sempre, lava as mãos como o Pilatos bíblico e põe-se acomodado, como é do seu feitio.

INSISTÊNCIA

Os artistas, entretanto, não se entregam e coadjuvados por elementos ávidos de promover boa arte, criam, pouco mais tarde, a Sociedade Campineira Lírico-Artística, (Scala) cujo objetivo é reunir os artistas sob a inspiração de um nobre ideal, que é assistir os nossos cantores líricos, proporcionando-lhes a completa integração no espírito artístico de que a cidade não prescinde para atingir seu alvo preconizado. Assim, a nável organização promove diversos eventos, motiva o interesse popular e dá provas de que nossos bons elementos são categorizados para o metiê. A Semana de Carlos Gomes propicia a efetivação de cometimentos artísticos que agradam à gente campineira. O maestro Armando Belardi é convidado a reger o poema sinfônico "Colombo" e uma cortina lírica da "Fosca". É apresentada, ainda, a ópera "Lucia de Lammermoor" (de G. Donizetti). O maestro Luiz de Tullio, à frente da Orquestra Sinfônica Municipal, rege um recital operístico com a participação de diversos cantores e repertório de árias e trechos de óperas de Carlos Gomes. O Scala, porém, do mesmo modo por que desapareceram as tentativas anteriores, passa ao esquecimento, morre. Mas a chama do espírito artístico é quase invencível e, por isso, ainda cheios de esperanças, eles partem para um novo projeto. Funda-se o conjunto Cantorum, o que não dura muito, pois em 1976, depois de obter sucesso, ainda por falta de apoio oficial, encerra suas atividades no ano seguinte ou seja 1977. Neste ano, durante a Semana Carlos Gomes, o maestro Benito Juarez anuncia e apresenta a primeira ópera composta por Carlos Gomes. Trata-se de a "Noite do Castelo", em português. A apresentação é inclusive gravada clandestinamente e prensada em discos vendidos posteriormente em alguns países. Seus intérpretes são lesados. Como houve sucesso, porém, o maestro Juarez propõe-se a remontar, em ordem cronológica, todas as óperas de Carlos Gomes, sendo uma por ano, sempre na Semana de Carlos Gomes. Já no ano seguinte o plano fracassa. A solução é remontar a "Noite do Castelo" e assim, com ligeira modificação no elenco, a ópera volta a ser elogiada pela imprensa pela crítica. "O maestro

Benito Juarez empreende outras montagens vocais, sinfônicas, porém, da cidade, apenas prestigia o soprano Niza de Castro Tank, trazendo outros cantores de fora, talvez insatisfeito com o nível artístico do pessoal da casa", conforme denúncia do tenor Alcides Acosta. Que prossegue: "Entretanto, desestimulados pela constante marginalização, numa espécie de círculo vicioso, os artistas também não podem se aperfeiçoar. O aprimoramento do artista, faça o que fizer, somente ocorre com o exercício constante, com a prática continuada, com o estímulo permanente, com o apoio que vier a receber. Importante frisar-se que os artistas de Campinas não se consideram piores dos que têm sido trazidos de outras cidades e capitais, para se apresentarem com a Sinfônica. Todos os que aqui vieram para esse fim, são passíveis das maiores críticas de qualquer um que entenda, um pouco que seja, da arte do "bel canto".

Alcides Acosta conclui seu depoimento afirmando que "Nessas outras apresentações, programadas pela Sinfônica de Campinas, em que artistas líricos da cidade foram inexplicavelmente aliçados, contam-se: a Nona Sinfonia, de L. V. Beethoven; Carmina Burana, de Carl Orff; Missa em Si Bemol, de W. A. Mozart; Colombo, de Carlos Gomes; Rei David, de Honneger; O Messias, de F. Haendel, e vários concertos, com peças cantadas. Muitos cantores líricos, em Campinas, abandonaram seu ideal, decepcionados e desencantados com a falta de perspectivas nesse campo. Outros estão tentados a fazê-lo, e assim, num auto-suicídio, chegará dia em que Campinas será apenas lembrada como a cidade que, além de rejeitar seu mais proeminente compositor, sufocou e fez definharem muitas vocações líricas. Porque, sem dúvida nenhuma, o artista lírico, em Campinas, é um ser em extinção".

Os esforços isolados, de acordo com informações do entrevistado, constituem a única fonte de reunião dos artistas campineiros que, a convite de entidades culturais, sem qualquer apoio oficial, procuram satisfazer à própria vocação e atender àqueles que buscam amenizar o espírito através do que lhes concede graça à sensibilidade.

DESINTERESSE GERAL

Alcides Acosta procura, assim, mostrar a verdadeira situação dos artistas líricos de Campinas. Mas como dissemos no início deste trabalho, isto não se dá apenas em relação à arte do canto. O desinteresse é generalizado. Tanto que os nossos últimos titulares do órgão oficial da Prefeitura, (a Secretaria de Cultura) têm sido quase sempre cidadãos afeitos a outras áreas de trabalho ou de vocação inteiramente alheias às da vida cultural da cidade, especificamente. O processo de desenvolvimento da cultura de um povo depende muito da sensibilidade dos que são responsáveis por ele. É preciso, por isso, a colocação do homem certo no lugar certo, desde que, do contrário, nada se poderá efetivamente concretizar de útil e de agradável para o povo que é, afinal de conta, o que faz jus às dádivas espirituais inerentes à criatura humana.

Terra que viu nascer Estelinha Epstein, Ana Stela Chic, Maria Monteiro, Menininha Lobo e o próprio Tônico, deve e merece ter situação privilegiada no concerto cultural do seu país ou do seu Estado. Não se pode admitir, portanto, esse desinteresse que a imprensa vem apontando ultimamente e que procede pois todos sabem que, na hora injusta, aqui aportam, quase sempre bem pagos, os artistas protegidos e cujas apresentações — repete-se — nem sempre revelam a sua qualidade, fato que, com razão, não apenas desestimula os artistas locais, como dá oportunidade a oportunistas de se aproveitarem de apadrinhamentos sem justificativa ou de alguns inocentes que desconhecem o potencial de uma das mais tradicionais cidades de arte e de cultura deste país.

Se reagem os nossos intérpretes não o fazem sem motivo e sempre é tempo para que assim possam agir. Uma questão de direito adquirido, consciente e puro.